

# CADERNO 2

ANO XIV NÚMERO 6.165 □ QUARTA-FEIRA, 14 DE JULHO DE 2004

## Bienal abre debate sobre pintura brasileira

*Críticos e artistas afirmam a importância da linguagem pictórica, mesmo no contexto de espetacularização das artes visuais*

MARIA HIRSZMAN

A Bienal de São Paulo se aproxima. Começa em setembro com a promessa de dar à pintura o espaço crescente que ela vem conquistando em eventos ao redor do mundo. A lista de convidados internacionais a trabalhar com essa linguagem é grande. No caso dos brasileiros a lista é bem menor. O curador Alfons Hug justifica a escolha afirmando que no País outras formas de expressão, como as instalações e a arte tridimensional, têm uma vitalidade maior.

A afirmação, que suscitou protestos por parte de quem faz pintura, nos leva a uma indagação difícil de responder, mas capaz de fornecer um interessante ângulo de reflexão: qual o papel real da pintura no cenário da arte contemporânea brasileira? Trata-se de uma técnica/linguagem que sobrevive apesar da concorrência um tanto espetacular das novas (às vezes nem tão novas assim) formas de expressão, de um meio de criação artística que sobrevive não apenas no embate tradicional da tela com o pincel.

Se todas as alternativas acima parecem deter ao menos uma parcela de verdade, uma coisa é certa: a pintura desempenha um papel extremamente relevante, mesmo que não como protagonista, na arte brasileira. “A questão do plano não se esgotou”, afirmou Paulo Pasta, um dos destaques da pintura nacional contemporânea, durante um debate sobre o tema realizado semana passada no evento *Encontro com Arte* (que expõe até sábado obras de Nuno Ramos e Frank Stella). “Estão matando a pintura desde Malevich e esse processo rendeu as melhores pinturas”, concluiu ironicamente o historiador Rodrigo Naves no mesmo encontro. Evidentemente, essa produção é desigual. Mas como conclui Naves, “vivemos um período extremamente ambíguo em todos os sentidos – político, econômico, social – e seria extremamente abusivo exigir uma clareza da arte que não vemos em nenhuma outra instância”.

Outro aspecto longamente abordado pelos artistas, críticos e curadores consultados é o caráter mais silencioso, menos espetacular da pintura. “Quer ‘novidades’ é partir de premissas falsas. É optar pelo espetáculo em prejuízo do entendimento do processo artístico”, critica a curadora e jornalista Angélica de Moraes, questionando o critério da Bienal de convidar apenas artistas que nunca tenham exposto no evento – a única exceção são os convidados especiais Beatriz Milhazes, Artur Barrio e Paulo Bruscky. Dentre as novas apostas no campo da pintura, ela sugeriria o nome de Marina Saleme, que nunca esteve no evento.

A própria Marina arrisca explicar o relativo isolamento da pintura. “A dificuldade de se traçar o perfil da pintura contemporânea jovem brasileira está na menor exposição desses artistas em relação àqueles que trabalham com outros meios considerados ‘mais contemporâneos’, meios trabalham a favor da idéia e da poética em detrimento das questões técnicas e formais”, resume. Ela também concorda que a pintura é uma arte mais silenciosa e solitária. “Ela não se dá de imediato, requer tempo, paciência e não aceita truques.”

### SHEILA LEIRNER

Estado – Como foi a experiência de resgatar a pintura na 18.ª Bienal?

Sheila Leirner – Nós não resgatamos a pintura. Nós simplesmente afinamos as antenas para sentir o que estava acontecendo em nossa volta. E aquilo que podia parecer para muitos como um “renascimento” era simplesmente uma continuação. Mais enfática, talvez.

Estado – Como anda a pintura? E no Brasil?

Sheila – A pintura vai bem. Na realidade, ela nunca foi mal, mesmo durante os anos da chamada “arte desmaterializada”. Persiste depois de milênios. Creio que é justamente por essa razão que a sua morte foi anunciada ou decretada tantas vezes. O Brasil não está de forma alguma defasado. Em alguns aspectos penso que está mesmo alguns passos à frente. Em termos de pintura, o cenário contemporâneo europeu e americano nunca esteve tão decadente.

Estado – Há um estilo/escola predominante?

Sheila – Não há, por uma simples razão: não existem mais movimentos coletivos de fé. Apenas procura individuais que seguem uma ou outra tendência coletiva, entre milhares. Depois dos anos 80, continuamos a viver em plena diáspora estética. Só não sabemos ainda se a grande diversidade de nossa época é uma riqueza ou uma dissipação. O tempo dirá...

Estado – Você poderia citar alguns pintores?

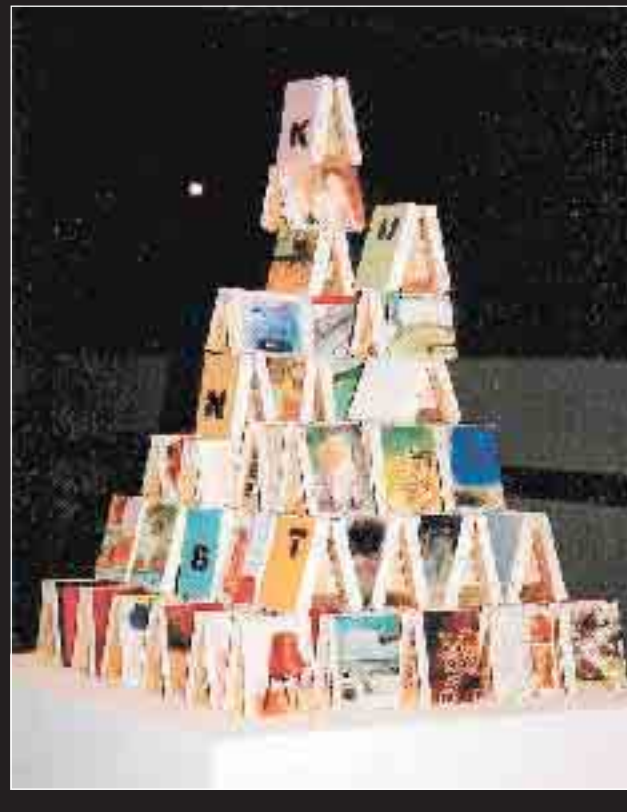
Sheila – Citar nomes sempre me dá a impressão de estar sendo injusta. Só serve ao mercado e me lembra um pouco corrida de cavalo: os preferidos às vezes decepcionam... Penso que a arte deve ser encarada como uma Grande Obra coletiva, à qual todos contribuam. A prova foi a Grande Tela como metáfora desta Grande Obra. (M.H.)



Fabrício Lopez, que expõe no CCSP: pensamento pictórico aplicado na gravura



Tela de Marina Saleme, uma das muitas pintoras em ação no País: “A pintura é mais silenciosa e solitária; não se dá de imediato e não aceita truques”



Trabalhos de Sérgio Nicolitcheff e Geraldo Souza Dias (E): “A eleição de poucos leva à exclusão de inúmeras propostas, entre elas muitos trabalhos de pintura”



‘Sanfoneiro’, de Luíz Zerbini (E), e Beatriz Milhazes com obra ao fundo: representantes da Geração 80 carioca, que é revisitada com mostra em cartaz no CCBB do Rio

Fotos Divulgação

Evidentemente, não se pode afirmar que exista hoje – no País ou fora dele – um movimento coeso e intenso de pintura. Não existem mais Volp, Guignards e Iberês, como também não existem mais Pollocks, Picassos ou Dubuffets. Essa é uma discussão que nos leva para outros domínios da arte contemporânea e que também introduz no debate uma questão explosiva: o lugar periférico da arte brasileira no cenário internacional. Basta pensar no embate entre Ramos e Stella. Boa parte da historicidade que é atribuída ao americano deriva justamente de sua articulação no cenário hegemônico da arte.

Esse aspecto que ressalta o artista e professor Geraldo de Souza Dias, que expôs recentemente no Paço das Artes uma interessante reflexão sobre a pintura como poética visual sofisticada. “Como em qualquer atividade intelectual, o Brasil ressentido de importação de modelos e da dificuldade do desenvolvimento autônomo”, diz ele, que viveu em Nova York e Berlim. Segundo Dias, o grande reconhecimento internacional de artistas brasileiros ligados à dissolução dos suportes tradicionais (como Lygia Clark e Oiticica) estaria ligado ao desprestígio da pintura. O exemplo de Beatriz Milhazes parece confirmar, de maneira invertida, a situação. Afinal, seu enorme prestígio decorre muito do reconhecimento externo. “Uma vez que nosso mercado é incipiente e a discussão intelectual ainda muito provinciana, a eleição de poucos leva à exclusão ou à neutralização de inúmeras propostas”, conclui.

Mesmo assim, é grande a produção e crescente a oferta de boas exposições nacionais e internacionais de pintura (ver serviço abaixo). Por enquanto os destaques são as mostras internacionais, mas surgem aqui e ali alguns esforços de revisão da história recente da arte brasileira, como a mostra *On-de Está Você, Geração 80?*, que foi inaugurada antecorrem no CCBB carioca.

O circuito só faz confirmar a presença poderosa da pintura na história da arte. “Tão poderosa que ela informa e orienta boa parte do pensamento visual contemporâneo”, afirma Angélica de Moraes, que organizou recentemente a mostra *Pintura Reencarnada*, uma forma de assinalar e mostrar na prática que a pintura se expandiu para além dos suportes tradicionais. “Só não sabemos ainda se a grande diversidade de nossa época é uma riqueza ou uma dissipação”, complementa Sheila Leirner em entrevista publicada abaixo. Curadora da 18.ª Bienal de São Paulo (em 1985), ela vive hoje na França. Interessante contraponto com o alemão Alfons Hug, que realiza este ano sua segunda Bienal paulista. Curiosamente, cada um vê na sua cultura de origem a força da pintura (leia as entrevistas desta página).

Fabrizio Lopes, de 27 anos, que mostra enormes xilogravuras no CCSP e também está na *Sétima Pequena Mostra*, do Espaço Coringa, é um exemplo da potência mobilizadora da pintura, sem ceder “à besteira da especialização, que restringe tudo”, como diz. Afinal, ele ainda está longe dos holofotes dos grandes eventos, mas afirma com orgulho que vive de pintar.

### ALFONS HUG

Estado – Qual será o papel da pintura na Bienal de São Paulo deste ano? Esse será realmente um dos pontos fortes da mostra?

Alfons Hug – A pintura terá forte presença, sobretudo no segmento dos artistas convidados, em que quase 30% dos artistas usam esse suporte. Para criar “uma massa crítica” vamos reunir a maioria dos pintores num “salão de pintura” no início do 2.º andar, onde a luz é perfeita.

Estado – O que você teria a dizer para quem continua repetindo que a pintura morreu?

Hug – Diria que a realidade da produção contemporânea é outra. Por que a pintura (é bom lembrar que falo da “pintura = pintura” e não da “pintura = fotografia” ou da “pintura = vídeo”) volta a vivenciar hoje um renascimento? Certamente deseja-se sua aura especial. As imagens estáticas da pintura têm o efeito de uma âncora no fluxo de imagens móveis e manipuláveis, nas quais ninguém acredita mais. As imagens silenciosas levantam-se contra o alarido e a superexcitação do mundo comercial.

Estado – Pediria que você comentasse também a sua idéia de que no exterior o ressurgimento da pintura é mais forte do que no País. Você já afirmou que aqui a instalação e a escultura vivem um período mais intenso, não?

Hug – A pintura vive um momento especialmente produtivo na Europa Central e nos EUA, ambas regiões tendo uma riquíssima tradição nesse suporte. Do ponto de vista filosófico pode haver o seguinte motivo para o ressurgimento da pintura na Europa e na América do Norte: como são os continentes mais industrializados do mundo, surge no artista a necessidade de começar a partir do zero (o desenho e a pintura sendo os meios mais antigos das artes plásticas) e de criar um contraponto às promessas do “high-tech” e do “hype” do mundo virtual cujo ape-lo vem sofrendo um certo desgaste. (M.H.)

### ONDE VER BOA PINTURA, BRASILEIRA E INTERNACIONAL, EM SÃO PAULO

■ **Burle Marx – Dez Anos Depois. James Lisboa** Escritório de Arte. R. Artur de Azevedo, 613, Cerqueira Cesar, 5096-0745. 10h/19h (sáb., até 16h; fecha dom.). Até 15/8;

■ **Cinco Pintores da Modernidade Portuguesa (1911 - 1965).** MAM. Av. Pedro Álvares Cabral, s/n.º, Parque do Ibirapuera, portões 2 e 3, 5549-9688 ou 5085-1300. 12h/18h (5ª, 12h/22h;

sáb e dom., 10h/18h; fecha 2ª). R\$ 5. Maiores de 65 e menores de 10 anos não pagam. Grátis às 3ª e 5ª após as 17h. Até 12/9; ■ **Encontros com o Modernismo. Estação Pinacoteca.** Lgo.

General Osório, 66, Luz, 222-8968. 10h/18h (fecha 2ª). R\$ 4,00 - grátis aos sábados. Até 3/10

14h/20h. R\$ 2 (2ª a 6ª) e grátis (sáb.). Até sábado; ■ **José Bechara. Marília Razuk Galeria.** Av. 9 de Julho, 5.719, Itaim Bibi, 3079-0853, 10h30/19h; (sáb. das 11h/14h).

Grátis. Até sábado; ■ **Paulo Whitaker e Gustavo Rezende. Casa Triângulo.** R. Paes de Araujo, 77, Itaim Bibi, 3167-5621. 11h/19h. Grátis. Até sábado